



O PICO DE PRODUÇÃO DE PETRÓLEO: CRISE ENERGÉTICA INEVITÁVEL

Especialistas sérios ao analisarem a questão energética têm alertado que o pico de oferta de petróleo se dará próximo do ano de 2010. Collin Campbell, por exemplo, presidente da Associação de Estudos do Pico de Produção, Jean Laherrère, membro do Instituto Francês de Petróleo e de cientistas da Universidade da Califórnia têm exposto suas preocupações a respeito.

De outro lado, a Agência Internacional de Energia, órgão da OCDE (Organização de cooperação para Desenvolvimento Econômico) cujos membros são de países que consomem mais de 75% do petróleo produzido no mundo e carecem de reservas, alguns, tem tentado esconder a situação alarmantemente vulnerável. Os Estados Unidos, com uma população de 4% do total mundial, consome mais de 25% do petróleo que produz. Se considerarmos suas bases militares e suas multinacionais espalhadas pelo mundo esse percentual mais do que dobra.

A indústria americana é intensiva no consumo de energia proveniente de matéria prima fóssil (petróleo e carvão). Cada automóvel que fabrica consome cerca de 28 barris de petróleo; cada computador pessoal consome cerca de 2,5 barris. Os produtos industriais e alimentícios percorrem grandes distancias transportados por rodovias e os aviões são grandes consumidores de petróleo, desde sua fabricação e mais, ainda, como meio de transporte;

O que significa o pico da produção (oferta)?

É, na realidade, o 3º choque mundial do petróleo. E, pior: desta vez, irreversível.

A primeira consequência é o fim do petróleo barato e o acirramento da disputa por um bem cada vez mais raro e estratégico. Seguem-se a derrocada econômica dos países importadores de petróleo e uma drástica redução dos lucros nas grandes companhias do cartel internacional desse energético. Outra consequência é o encarecimento dos alimentos devido ao aumento do custo dos transportes, que inclui o dos trabalhadores para seus empregos. Havendo a redução do lucro das grandes corporações ocorrerá um declínio catastrófico no mercado de ações e uma implosão do Sistema Financeiro dos Estados Unidos e, possivelmente, do mundial.

Os especialistas citados prevêm que, ocorrendo o pico de produção em 2010, o barril de petróleo ultrapassará os R\$ 100. Em 2015, eles prevêm o preço de US\$ 180,00/barril; em 2020 acenam para o valor de US\$ 300,00/barril. Economicamente, os países importadores estarão mais prejudicados em consequência da retração inevitável das políticas de desenvolvimento.



A situação dos Estados Unidos da América

Os Estados Unidos consomem, hoje, cerca de 21 milhões de barris de petróleo por dia. Multiplicados pelos 365 dias do ano, o consumo equivale a 7,665 bilhões de barris por ano. Lembrando que nesse cálculo não consideramos as bases militares e as corporações americanas no exterior. Para um país que tem suas reservas totais, inclusive as do Alaska (santuário ecológico), de 29 bilhões de barris apenas, se não importar petróleo, em menos de 4 anos, o país pára e morre. Os EUA produzem cerca de 8 milhões de barris/dia e importam o restante ou seja, cerca de 13 milhões de barris/dia. Lembremos que o barril custa hoje cerca de US\$ 60. temos que acrescentar que o aparato bélico usado para manter o Oriente Médio sob controle (onde se acham cerca de 68% das reservas mundiais), tem o custo adicional de mais de US\$ 200 por barril. Só o gasto com a invasão e domínio do Iraque, segundo Joseph Stiglitz, ex-diretor do Banco Mundial, já se aproxima dos US\$ 2 trilhões. Mesmo emitindo dólar sem lastro desde 1971, é difícil para uma nação sobreviver a condições tão desfavoráveis.

A situação do Brasil

O Brasil possui hoje reservas provadas, registradas, de cerca de 14 bilhões de barris. A perspectiva de novas descobertas é de, no máximo, 10 bilhões de barris, segundo renomados geólogos da empresa. Isto significa que, mesmo que o País continue com um crescimento medíocre o nosso petróleo, se não houver exportação, durará cerca de 18 anos. Entretanto, a auto-suficiência deverá acabar dentro de 10 anos, se continuarmos a exportar petróleo.

Portanto, nossas importações de petróleo recomeçarão em muito pouco tempo. O mais grave é que elas voltarão a ocorrer quando os preços estiverem em franca ascensão. Isto poderá significar uma grave crise econômica para o País. Os leilões de áreas promissoras aumentam a nossa vulnerabilidade: as empresas estrangeiras, que ganharem concessões, pois que ficarão com a propriedade do petróleo extraído e podem exportá-lo, pagando apenas 15% de imposto de exportação pela Lei Kandir. Petróleo extraído de áreas que a Petrobrás descobriu, correndo todos os custos e riscos geológicos, de que eximiram as empresas estrangeiras que ficam em condições de eliminar as nacionais dado que os acionistas da Petrobrás (49,5% em Wall Street contra apenas 32% do governo + 7,9% do BNDES) Aqueles acionistas que ela exporte petróleo para obterem lucros cada vez maiores; a própria. A ANP exige que cada concessionária produza as áreas que conquistou. Com isto, enquanto durar a auto-suficiência, a Petrobrás terá que produzir e exportar. Tudo isto leva ao esgotamento precoce das nossas jazidas.



O que o Brasil deveria fazer

Quando foi elaborado o primeiro programa energético de governo para a campanha de Lula à presidência (coordenado por Luiz Pinguelli Rosa), oferecemos várias sugestões. Entre elas as seguintes: 1) Suspender os leilões para não haver transferência de propriedade do Brasil para empresas estrangeiras com conseqüente exportação de petróleo; 2) Suspender qualquer tipo de exportação para não reduzir a duração das nossas reservas e dar tempo de criar energias alternativas do petróleo; 3) Investir fortemente em energia renovável (hidrelétrica, eólica biomassa, solar), a qual leva cerca de 20 anos para ficar em condições de eliminar a dependência do petróleo, entre outras sugestões.

Nada disto foi considerado, tanto no primeiro, como no segundo governo Lula. Hoje, embora o presidente fale muito em energia da biomassa, há apenas quatro técnicos no Ministério da Agricultura cuidando de toda a energia renovável brasileira. A Embrapa que por nossa sugestão deveria ter um papel importante no desenvolvimento de biomassa tem hoje uma subsidiária chamada Embrapa-energia, que tem um único elemento na sua equipe destinada a biomassa: um diretor, que não é do ramo e não tem nem secretária. A subsidiária tem mais de um ano de criação. O que o governo está fazendo é a entrega do controle do biodiesel ao cartel internacional da soja (ADM, Cargil, Bunge y Born além da Monsanto) que tem o controle do comércio da soja no mundo. O farelo é o gerador de lucro. O óleo sai de graça e esses grupos estrangeiros poderão eliminar o pequeno produtor nacional e, assim, estreitar o mercado de trabalho, e controlar o mecanismo de trocas mercantes. É uma ameaça que reflete a falta de visão estratégica do governo.

Fernando Siqueira. Diretor da Aepet.
cultural@aepet.org.br